

Passeios e Comeres da Dieta Mediterrânica Passeio (Folheto de apoio)

MUSEU MUNICIPAL DE TAVIRA 2014
www.museumunicipaldetavira.tavira.pt

Atividade integrada no ciclo de passeios e oficinas sobre os saberes-fazer da cozinha mediterrânica "Passeios e Comeres da Dieta Mediterrânica", desenvolvido no âmbito da exposição "Dieta Mediterrânica- Património Cultural Milenar". O que é a Dieta Mediterrânica? A exposição responde a esta questão dando a conhecer as suas múltiplas dimensões: o conceito de espaço cultural e de estilo de vida mediterrânico milenar, um património cultural imaterial transmitido de geração em geração e os seus aspetos sociais e religiosos, os alimentos sagrados e as suas simbologias, os produtos do mar e da terra que dão suporte a um regime alimentar de excelência reconhecido pela OMS Organização Mundial de Saúde.

A *Dieta Mediterrânica* integra a Lista Representativa de Património Imaterial da Humanidade, tendo sido inscrita em 4 de dezembro de 2013. Tavira é a comunidade representativa de Portugal. Subscreveram esta candidatura transnacional, sete Estados com culturas mediterrânicas milenares: Portugal (Tavira), Chipre (Agros), Croácia (Hvar e Brac), Grécia (Koroni), Espanha (Soria), Itália (Cilento) e Marrocos (Chefchaouen).



CASCABULHOS, CONQUILHAS E BERBIGÃO

19 de julho de 2014, 09h30

Local: Cabanas de Tavira

Orientação: João Batista



CABANAS DA ARMAÇÃO

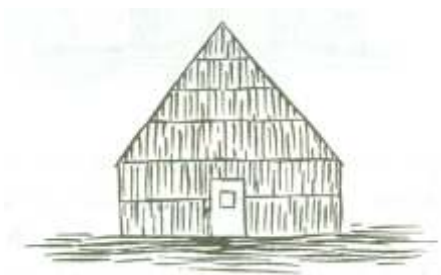
Cabanas de Tavira foi desde a sua fundação uma terra ligada ao mar. A povoação surge no século XVIII associada à pesca do atum. Deste facto fazem jus os nomes que a povoação inicialmente teve: Cabanas da Armação e Sítio da Praia de Conceição (Anica 2011). Este último usado até meados do século XX- segundo João Batista, o local de nascimento do irmão terá sido registado com este nome). No século XIX, Silva Lopes descreve assim esta povoado:

Conceição. [...] Perto do canal, e próximo á fortaleza do mesmo nome na parte esquerda do rio de Tavira, fica a povoação de pescadores chamada, *Cabanas da Armação*, por consistir dellas e algumas casas já. Empregam-se os moradores só na pesca, que fazem em lanchas junto às pedras, ou com o *abano* ao largo, e vão vender á cidade e povos vizinhos o peixe que apanhão. (Lopes 1988: 378)

O próprio topónimo, "Cabanas", dizia respeito às cabanas dos pescadores. Segundo os apontamentos de Leite de Vasconcelos, datados de 1894, eram habitações de cariz artesanal, precário, feitas inteiramente com materiais vegetais:

A cabana é toda feita de junco seco, telhado e paredes. A armação, de varas grossas, postas em cada ângulo, unidas horizontalmente por canas e os espaços forrados, então por junco. Não se emprega um só prego; tudo atado com cordéis de tamiça e, às vezes, corda. Vivem aqui os pescadores. Não tem janelas, há só uma porta com um postigo [...] os pescadores acumulam ao lado das paredes das cabanas, nas ruas, as conchas do marisco, que formam montões [...] (1982: 280-281)

Este tipo de habitação existiu até meados do século XX em Cabanas. Algo que nos foi confirmado por alguns habitantes de Cabanas com mais idade (veja-se ainda Oliveira 1988, sobre esta tipologia de habitação em Tavira e no restante litoral algarvio).



Cabanas de pescadores desenhadas por Leite de Vasconcelos no final do século XIX

SOBRE O MARISCO E AS ARTES DE MARISCAR

Embora o principal setor económico seja, em Cabanas, o turismo, os cabanenses ainda olham para a sua vila como terra de gentes do mar. Até há bem pouco tempo a pesca era, por excelência, o ganha-pão, no entanto, mariscar não era menos importante. Cascabulhos, amêijoa, lingueirão, conquilhas,... era o sustento de famílias em dias de temporal. Regra geral cozinhados com batatas, caldo e, às vezes, pão, para "render" e alimentar todas bocas. São vários os testemunhos sobre este receituário. Andando um pouco para trás no tempo, até ao século XIX, este princípio de economia doméstica surge pela pena de Teófilo Braga: "Em Tavira e freguesias vizinhas: marisco, peixe, papas de milho com marisco ou azeite, e raras vezes comem pão" (1995:109).

São várias as referências históricas sobre a existência, apanha e/ou transação de marisco. Algumas dizem respeito a geografias algarvias alargadas outras, mais especificamente, à Ria Formosa, Tavira ou a Cabanas.

Mariscos Não só de varios peixes abunda a costa do Algarve mas também de diversos mariscos, que fornecem a seus habitantes precioso e exquisito alimento: delles estão cobertas praias e rochas; e a pouco ou nenhum custo vai o pobre apanhar naquellas a amêijoa, berbigão, longueirão, cadelinha, lapa, etc. e nestas a ostra, mexilhão, lapa, burgao, perceve, etc. A lagosta, camarão, lobagante, caranguejola, e buzio vem nas redes, que não poucas vezes também trazem esponjas, ou o mar as arroja às praias, nas mais lodosas das quaes se encontrão muitos e bons caranguejos. Algumas vezes também apparecem tartarugas. (Lopes 1988:101)

Os produtos marítimos constituem uma larga parte dos itens que aparecem referenciados no Foral Manuelino de Tavira, datado de 1504. Para além do pescado em geral, surgem tributos específicos sobre a sardinha, os polvos e os "emxarroquos", e sobre o marisco. Relativamente a este último, não havia direitos, excetuando sobre o que se exportava para Castela ou o que se importava de fora do reino:

Marisco. De nenhum marisco que venha à dita vila por qualquer maneira, ainda que venha para vender, se não pagará dízima nem do que se tira para fora, salvo do que se leva para Castela, porque do que carregam para África não pagarão. (Silva 2004: 64).

Ainda no século XVI, temos o curioso relato de Frei João de São José sobre a descoberta de um grande depósito de ostras em frente à cidade de Tavira e alguns desentendimentos entre as autoridades portuguesas e as castelhanas a propósito da sua exploração (ver texto na página seguinte).

Haja atualmente concórdia entre países vizinhos...



Fotograma do documentário "A Almadra Atuneira", realizado por António Campos, em 1961, entre março e setembro, na Armação da Abóbora, situada em frente a Cabanas.

O documentário retrata a última campanha desta armação, antes de ter sido destruída em 1962 por um grande temporal (veja-se temporal (veja-se Campos 1961).



Arranjo dos covos.



Secagem de peixe-agulha para consumo próprio.



Armando a rede.



Frei João de São José
Corografia do Reino do Algarve, 1577

Há continuamente pescadores neste rio* [ria Formosa] e toma-se nele todo o género de peixe e de marisco e tudo tão avantejado na bondade e sabor que facilmente se conhece. O ano de 1571 se descobriu nesta costa, defronte da cidade, duas léguas ao mar, tanta soma de ostras juntas, pegadas uas nas outras, que diziam os pescadores que faziam vulto de ua grande serra. Os primeiros que a começaram a pescar foram Castelhanos, com uns ancinhos grandes de ferro a que chamavam rastros e uns grandes penedos em cima deles, com ua rede de cordas de trás e tudo isto levaram à toa por cordas, ua barca remando com grande força, de maneira que todas as ostras que o ancinho com seus dentes levantava, apanhava a rede que detrás ia. Amanhecera um dia neste local passante de vinte barcos castelhanos, todos a pescar com estes engenhos, o que visto polos da governança da cidade, mandaram a eles o bergantim da vigia, que sempre anda armado, e tomaram-lhe as velas e mais as ostras, porque se atreveram a pescar naquelas paragem, sem licença, e, posto que davam de concerto boa soma de dinheiro por os deixarem pescar e se obrigavam trazer à cidade cada dia ua barca de ostras a vender por bom preço, não lho aceitaram por reclamarem os pescadores da terra, dizendo que este ganho pertencia a eles; valia o milheiro delas vinte reales de prata, que são pouco mais de sete tostões, e, em Castela, dobrado, e eram tão grandes e fermosas como quantas os homens viram. Durou esta pescaria pouco mais de um ano e faziam os pescadores tanto proveito nelas, posto que as mais iam para Castela, que não havia quem fosse ao mar pescar outro peixe; mas, sobrevindo uas tormentas, moveu-se a areia com a força das ondas e tornou a cobrir esta mina e não se pescaram mais como soiam. Disto não pesou a muitos do povo e diziam que fora castigo de Deus pera os pescadores, os quais o faziam tão mal com a cidade, que, morrendo as ostras junto dela, não havia quem pudessem alcançar um cento e pera Castela iam todos os dias barcadas delas. E desta maneira fazem também ao pescado, porque muitas vezes se acontece que em Aiamonte está o nosso peixe às moscas, como dizem, e em Tavira não se pode achar ua venda dele, por valer lá sempre mais caro e lho pagarem em reales, que eles estimam mais que os nossos patações (São José 1983: 51-52)



João Batista mostra alguns xalavares (redes para o marisco) seus- um usado para o lingueirão e o outro para cascabelhos (com um malha mais resistente). À direita, mostra como funciona a ganchorra, uma arte de arrasto, constituída por uma armação metálica com um pente de dentes ou com um varão ou tubo cilíndrico na parte inferior, à qual está ligado um saco de rede que serve para a recolha dos bivalves.

IR À MARÉ

“Ir à maré” é o nome que por aqui se dá ao uso de mariscar.

Trata-se de uma atividade sujeita a legislação específica, acrescida de diretivas por Cabanas se encontrar numa zona de paisagem protegida, o Parque Natural da Ria Formosa. Se por um lado, temos um enquadramento legal e normativo, por outro, temos usos de uma vida inteira, cuja articulação nem sempre converge.

Rita do Carmo Correia, mais conhecida por Rita Laurinda, é uma mulher da Ria. A vida já vai longa, pesa-lhe no corpo, mas ainda continua a «ir à maré», uso que, segundo ela, “é um vício” e não uma necessidade.



Júlia Matias do Carmo já não tem saúde para ir à maré. No entanto, ainda conserva as botas, o xalavar e uma colher de pedreiro - utensílios que usava para mariscar- bem como as memórias do trabalho na Armação da Abóbora.

Adriça- utensílio para apanha do lingueirão durante a baixa-mar.

Fontes: Observação/entrevistas com João Batista, Júlia do Carmo, Laura Matias e Rita Laurinda. Agradece-se a João Martins e a Jovina Martins pela colaboração na preparação do passeio.

- ANICA, Arnaldo Casimiro. 2011. *Monografia da Freguesia de Cabanas de Tavira- da sua criação à actualidade*. Tavira: Junta de Freguesia de Cabanas de Tavira.
- BRAGA, Teófilo. 1995 [1885]. *O Povo Português nos seus Costumes, Crenças e Tradições*. Ed. Jorge Freitas Branco. Vol. 2. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- CAMPOS, António. 1961. *A Almadra de Atuneira*. Documentário. Disponível em: <http://www.cinept.ubi.pt/pt/filme/693/A+Almadra+Atuneira>. Consultado em 10/02/2013.
- LOPES, João Baptista de Silva. 1988 [1841]. *Corografia ou Memória Económica, Estatística e Topográfica do Reino do Algarve*. Vol. 1o. Faro: Algarve em Foco Editora.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, Fernando Galhano, e Benjamim Pereira. 1988. *Construções Primitivas em Portugal*. 1ª ed. 1969. Portugal de Perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- SÃO JOSÉ, Frei João de. 1983 [1577]. “Corografia do Reino do Algarve.” In *Duas descrições do Algarve do século XVI. Frei João de S. José, Corografia do Reino do Algarve (1577); Henrique Fernandes Sarrão, História do Reino do Algarve (circa 1600)*. ed. Manuel Viegas Guerreiro e Joaquim Romero de Magalhães. Cadernos da Revista de História Económica e Social 3. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- SILVA, Manuela Santos. 2004. *O Foral de Tavira de 1504: Estudo e Transcrição*. Tavira: Câmara Municipal de Tavira.
- VASCONCELOS, José Leite de. 1982. “Vida Tradicional Portuguesa”. *Etnografia Portuguesa*. 10 vols. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.